

SÉRIE
BLACK
WIDOW
LIVRO 1

UM
BEIJO
VENENO CHEIO DE
VENENO

BEENA KHAN



PITANGUS
EDITORIAL

SÉRIE
BLACK
WIDOW
LIVRO 1

UM
BEIJO CHEIO DE
VENENO

BEENA KHAN

Copyright © 2022 Pitangus Editorial

Copyright© 2022 Beena Khan

Titulo original: Kiss of Venon

Direção Editorial: Simone Freire

Capa Original: Ms. betty

Design de Capa: L.A. Designer Editorial

Tradução: D. Dias

Revisão de Tradução: Vânia Nunes

Revisão Final: AB Serviços Editoriais

Diagramação: Cris Spezzaferro

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma - impresso, digital, áudio, visual - sem a expressa autorização da autora e editora sob penas civis e criminais.

A violação autoral é crime, previsto na lei nº 9.610/98, com aplicação legal pelo artigo 184 do código penal.



www.pitanguseditorial.com.br

São Paulo, Brasil

Sumário

[Playlist](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

33

34

35

36

37

Epílogo

A Lock of Death – Livro 2

Posfácio

Nota do Autor

Este é um livro de romance dark, e sua leitura pode causar gatilhos a leitores mais sensíveis. Para se conectar com o cenário de Nova York, a sede do diretor do FBI foi mudada na história. Apresenta personagens de caráter duvidoso e é vagamente baseado em um conto de fadas combinado com a imaginação do autor.

*Às mulheres que caíram, mas se levantam
novamente para mostrar que ainda usam suas coroas.*



Playlist



Desert Rose – Sting

You Are The Reason – Calum Scott

One Last Time – Arjun

Heat Waves – Glass Animals

Ocean Eyes – Billie Eilish

Live Like Legends – Ruelle

Bird Set Free – Sia

Wait For You – Elliot Yamin

Roses – Ghostly Kisses

Protect You – Danielle Hollobaugh

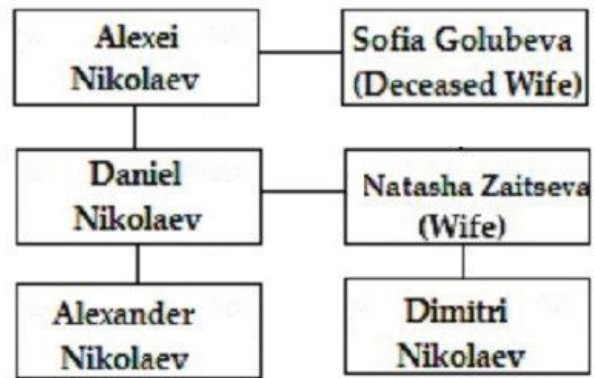
Dark Side – Bishop Briggs

Breathe – Fleurie

Fire Meets Fate – Ruelle

Antihero – Aviva

The Solntsevskaya Bratva



Bem-vindo ao submundo de Nova York.
Vagamente baseado no conto de fadas *A Bela Adormecida*.



ALEXANDER

1

ERA UMA VEZ UM SONHO...

Um Tirano da Malevolência vivia para dobrar o mundo à sua vontade.

Alexander puxou o longo blazer preto contra o peito. Sua camisa era tão justa, que se encaixava em seu corpo como uma segunda pele. Ajeitando seus punhos roxos, ele olhou para as ambulâncias alinhadas do lado de fora. Um segundo depois, os paramédicos levaram os pacientes. Ainda bem que, em meio a toda aquela comoção, ele conseguiu se misturar facilmente. Atravessando as portas de vidro, a corrente de vento gelado do ar-condicionado o atingiu em cheio. Dois de seus homens andavam na frente dele, e um andava atrás.

Ele olhou em seu entorno. Estavam em um dos hospitais mais antigos que ele já havia visitado, e ele não tinha o hábito de ir a muitos. Porém, hoje era uma ocasião especial. O chão era de ardósia cinza, brilhante como se tivesse sido pintado recentemente. A luz artificial era muito forte e machucava seus olhos. Ele olhou para as fotografias penduradas na parede cor de magnólia que, como em uma linha do tempo, passavam de imagens em preto e branco para coloridas. Ele sentiu quando um arrepio percorreu sua espinha enquanto ele olhava para o corredor interminável e curvo. Hospitais eram tão deprimentes, mórbidos e horríveis, e ele já queria sair correndo dali.

Mas ele era um homem com uma missão, esperando impacientemente ao lado de seu irmão, Dimitri, enquanto seus homens recebiam dois passes de visitantes. Seus homens mostraram suas identificações na recepção, enquanto suas armas permaneciam escondidas embaixo de suas roupas pretas e brancas. Apenas dois visitantes por vez podiam entrar no quarto do paciente, mas Alexander não se importou com esse detalhe. Ele tinha coisas para fazer, e tinha que fazê-las rápido.

Entrando no elevador, subiram até terceiro andar, onde outra recepcionista os cumprimentou, verificando seus crachás para poder

permitir a entrada. Menos pessoas vagavam ao redor, e a tensão nos ombros de Alexander desapareceu.

Ele acenou com a cabeça para Dimitri e ordenou:

— Faça sua coisa.

Seu irmão apenas olhou fixamente para frente enquanto caminhava até a jovem recepcionista de cabelos pretos e uniforme, e se plantou firmemente à frente de sua mesa cinza. Seus olhos se arregalaram quando ela notou a aparência de Dimitri.

Cabelo preto. Maços do rosto esculpidas. Pele clara.

Bons genes russos.

— Oh... Olá — ela falou em uma voz ofegante.

Alexander viu o nome Nancy em seu crachá.

— Eu sou Dima — a voz profunda e baixa de seu irmão falou, rolando as vogais no apelido. Um de seus homens ao lado dele, Adrik, acenou para ela enquanto entregava-lhe os passes.

Ela pegou, mas seus olhos continuaram grudados em Dimitri.

— Eu sou Nancy — ela respondeu com uma sugestão de sorriso.

Ela olhou para seus passes antes de devolvê-los a Adrik.

— Eu nunca vi você aqui antes — ela disse para Dimitri.

— Primeira vez aqui — Dimitri respondeu. Ele casualmente encostou os antebraços na mesa dela e perguntou: — São duas da tarde. Você não deveria estar na hora do almoço?

Ela deu um sorriso nervoso.

— Eu mal tenho tempo para respirar por aqui — ela admitiu. — Geralmente só consigo comer quando saio do trabalho.

— É um turno de oito horas?

— É hora do rush, e eu não posso sair do meu posto.

Dimitri apoiou os cotovelos na mesa, inclinando-se para mais perto. A garota parecia ter parado de respirar.

— O que você gosta de comer?

— Hum... Eu pego qualquer coisa nas máquinas lá fora.

— Tudo bem. Vou trazer algo para você em uma hora.

As sobrancelhas de Alexander se ergueram enquanto ele escutava a conversa.

A garota arregalou os olhos castanhos, parecendo assustada, e protestou:

— Oh... — Suas bochechas rosadas pareciam queimar, ficando em um tom vermelho brilhante — Isso é muito gentil... Mas você não precisa. — Ela deu de ombros sem jeito.

— Vou trazer.

Dimitri disse isso como uma afirmação, e não como uma pergunta.

O coração da coitadinha vai se partir quando o almoço não chegar.

Alexander não se importava com ela. Ela poderia morrer de fome. Aproveitando a distração, ele e um de seus homens passaram. Em um impulso, os ombros largos de Dimitri os bloquearam do campo de visão da jovem. Com seu corpo minúsculo sentado, Dimitri era um gigante comparado a ela, e Nancy estava muito encantada por ele para prestar atenção em qualquer outra coisa. Eles não tinham passes extras, e tudo o que eles tinham que fazer era entrar e sair. Quando já estavam em segurança, longe da recepcionista, Dimitri e Adrik se juntaram a eles. Alexander olhou para frente, e seus olhos sombrios se iluminaram quando se depararam com o quarto 310A. Os homens à sua frente espiaram para dentro e murmuraram:

— Retaguarda livre.

Bom. Eles não precisavam de testemunhas.

Alexander os ultrapassou e, segurando firmemente a maçaneta prateada, abriu a porta e entrou. Seus olhos afiados pousaram automaticamente no homem de roupa azul na cama.

Yuri Sidorov virou os olhos em direção à porta.

Alexander entrou no pequeno quarto, lentamente, como um predador cercando sua presa. Ele estava feliz por Yuri ser o único paciente no quarto. Seus homens o seguiram, e a porta se fechou. Ele parou a alguns metros de distância e olhou para Yuri, que estava conectado à máquina intravenosa:

— *Pakhan* — Yuri ofegou. — V-você aqui?

— E você também.

— Eu... Eu tenho uma condição médica, você já sabe, *Pakhan*. E-eu venho aqui uma vez por semana para tratamentos — Yuri gaguejou.

Alexander não respondeu, e os olhos de Yuri se apertaram para, logo em seguida, se abrirem novamente. Desta vez eles estavam vermelhos e injetados de sangue, as lágrimas neles se formando.

— Não esperava que você trabalhasse com o FBI — ele falou finalmente, com desapontamento aparecendo em sua voz, que era clara e dominadora, não deixando espaço para perguntas ou qualquer tipo de defesa.

Yuri respirou fundo e olhou para o chão. Seus dedos brincavam com os lençóis brancos.

— E-eu queria deixar a *Bratva* — Yuri gaguejou. — Tenho uma família.

Os lábios de Alexander se contraíram quando ele se sentou na beirada da cama, que chiou com o peso extra. Yuri tentou recuar.

— Tudo o que você tinha que fazer era me pedir. Você não acha que eu deixaria você ir embora?

Yuri olhou para o chão.

— Fiz um juramento. Era impossível.

— Talvez, mas posso transformar o impossível em possível.

Yuri olhou para cima, surpreso:

— Posso ir então?

Os olhos de Yuri se encheram de alegria, mas Alexander não sentiu nenhum remorso pelo que ele diria a seguir.

— Você não deveria ter ido à polícia. Você estava dando informações privilegiadas aos meus inimigos. Você trabalhou contra mim. Se você

tivesse se aproximado de mim, talvez eu pudesse ter deixado você ir — respondeu ele. — Mas você é um traidor. Um rato.

Seus olhos sombrios brilharam para Yuri.

— O que você acha que acontece com os traidores?

O homem na frente dele, seu antigo *Vor*, seu soldado russo, engoliu em seco.

— *Pakhan*... Eu... Eu sinto muito. Eu só.... — Yuri gaguejou.

— Quanto você disse a eles? — Alexander ferveu.

— N... Não muito — o homem guinchou — Apenas sobre o tráfico de drogas.

Ele queria rir. Isso era mais do que suficiente para entregá-lo à morte.

— Se estivéssemos lá fora, eu teria levado você para a masmorra — Alexander falou. — Mas, por enquanto, isso é bom o suficiente — ele terminou, levantando-se. Puxou sua arma do lado de seu colete e apontou para Yuri.

Os olhos de Yuri se arregalaram de terror e ele gaguejou protestos:

— Não... *Pakhan*... P-por favor, tenho uma família.

Alexander inclinou a cabeça.

— Talvez você devesse ter pensado nela antes de me trair.

— Por favor, não machuque minha família!

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Como você se sente sobre elas... — Ele sorriu — trabalhando como minhas mulas?

— Não. Não! *Pakhan*, minha filha tem apenas dez anos.

Alexander nem piscou.

Yuri começou a protestar novamente, mas foi interrompido.

— Sua esposa será uma das minhas mulas. E será vendida, eventualmente.

— Não! Eu... Me desculpe, *Pakhan!* Eu só queria deixar essa vida.

— A única saída dessa vida é a morte.

Sem abaixar sua arma, ele acenou para Dimitri. Seu irmão se aproximou de Yuri, lançando-se sobre ele. Yuri abriu a boca para gritar, mas Dimitri tirou um pano cheio de clorofórmio do bolso da calça e o enfiou em sua boca, abafando seus gritos. Normalmente, Alexander teria matado um traidor, mas eles estavam em um hospital, e balas eram uma jogada arriscada.

Yuri se debateu contra Dimitri, chutando seus membros através dos lençóis. Com um ar de satisfação, Alexander observou os olhos castanhos de Yuri ficarem vermelhos, até que eles se fecharam lentamente, deixando-o inconsciente.

— Dê-me — Alexander ordenou a Adrik, guardando sua arma.

Adrik tirou uma seringa de dentro de um dos bolsos de sua camisa e a entregou a ele. Agarrando o lençol em sua mão, Alexander virou o braço flácido e pálido de Yuri, expondo o interior da pele e as grossas veias azuis. Atirar com balas era fácil, mas fazia muita bagunça. Deixava sangue, DNA e suspeita. Suas armas não eram registradas, mas uma morte acidental funcionaria melhor.

Inclinando-se para frente, ele olhou para a grande veia à espreita sob a pele pálida de Yuri. Ela havia sido perfurada e conectada ao tubo central intravenoso. Ele tirou a ponta do tubo e encaixou a seringa vazia nela, pressionando-a. Yuri não acordou. Quando terminou, enganchou o tubo de volta na veia.

Ele deu um passo para trás e Dimitri soltou Yuri.

Lentamente, uma bolha de gás encheria o coração de Yuri. Yuri morreria com seu próprio oxigênio, sua própria respiração. Embolia gasosa. As mesmas respirações que Yuri dava enquanto o delatava. Ele o alimentou, confiou nele e fez dele seu soldado, apenas para ser traído no final. Lentamente, os vasos ficariam menores a partir do local da punção e do fluxo. O fluxo de sangue seria bloqueado...

E então... *Descanse no inferno.*

Yuri ainda estava inconsciente, mas seu peito subia e descia rapidamente. Alexander e seus homens esperaram em silêncio, ainda levaria algum tempo. Depois de dez minutos, os membros fracos de Yuri pararam de sacudir. A máquina vital mostrou uma linha. Apitou, pronta para alertar quem estava por perto. Satisfeito, ele se virou para sair, mas a porta se abriu.

Ele congelou, e seus olhos se voltaram para o som.

Seus homens se levantaram, alertas, e apontaram a arma na direção da porta, prontos para atacar.

— Você não trancou a porta? — Alexander cerrou os dentes para Adrik.

O rosto do soldado ficou vermelho.

— Pensei ter trancado.

— Lembre-me de chutar seu traseiro mais tarde — Dimitri repreendeu.

Segurando um suspiro desapontado, Alexander se esforçou para não revirar os olhos. Ele não estava com disposição para matar nenhum dos funcionários do hospital. Era perceptível demais. Com três de seus homens apontando a arma para a porta, ele puxou a sua e a ergueu, pronto para atirar. Seu batimento cardíaco trovejou enquanto ele esperava, mas seu pulso permaneceu calmo, exigindo foco. Quando a porta se abriu totalmente, seus olhos caíram para a criatura que estava diante dele.

Uma menininha de um metro de altura.

Uma garota de olhos castanhos, lábios carnudos e pele morena.

Ela não podia ter mais de quatro anos.

A tensão nos ombros de Alexander afrouxou, e ele fez um movimento com um dedo para que seus homens abaixassem suas armas. Ele olhou para o traidor morto. Yuri parecia estar dormindo, e esperava que a garotinha não pudesse dizer. A última coisa que ele queria era uma criança de quatro anos traumatizada e gritando. Os olhos da criança se arregalaram e se encheram de diversão.

— Ah, você tem uma arma? — ela perguntou.

Os olhos de Alexander se estreitaram.

— *Ixu* é legal. Minha mãe também tem uma.

Ela tinha uma pronúncia fofa quando falava, tipo Piu-Piu. Sua voz era suave e aguda. Ele ainda não entendia o que queria dizer. A criança de cabelos castanhos parecia estar estudando-o como ele a estudava.

— *Voxê* é da *políxia* como minha mãe? *Voxê* também prende *criminoxos* grandes e maus? — ela perguntou. Seus olhos grandes, castanhos e amendoados tinham um ar de travessura.

Alexander baixou a guarda e guardou sua arma. Seus homens seguiram o exemplo. Ele percebeu que ela não conseguia pronunciar o “S” no meio das palavras. Agora não era hora de dizer à criança que *ele* era o grande criminoso. Ele se perguntou onde a mãe dela estava.

Ele não estava muito preocupado com a criança identificá-lo. As crianças esquecem detalhes facilmente.

A criança olhou para o monitor.

— Que barulho é *exe*?

Ele acenou para Adrik para desconectar a máquina. A porta ainda estava aberta, mas ninguém mais espreitava do lado de fora. Eles iriam fechá-la de volta assim que saíssem. Eventualmente, alguém da enfermagem faria a checagem durante a ronda.

— Nada — ele respondeu facilmente.

— Ele tá dormindo? — a criança perguntou, olhando para Yuri.

Seu lábio se contraiu.

— Sim. Quem é você, *detskoye solnyshko*?

A criança franziu o cenho.

— O que *ixu* quer *dijer*?

Sua pronúncia ficou mais forte.

— Bebê sol — respondeu Alexander.

A criança sorriu.

— Quantos anos você tem? — ele perguntou. — E onde está sua mãe? Você não deveria estar perambulando sem um adulto.

A menina acenou quatro dedinhos no ar.

Alexander olhou, divertido. Então ele tinha imaginado certo.

— *Voxê* trabalha com minha mãe?

Mais uma vez, a criança não estava respondendo a ele. Em vez disso, ela deu pequenos passos à frente e agarrou a mão dele, puxando-o, forçando-o a dar dois passos. Seus soldados ficaram tensos perto dele. Ele estendeu a mão, e eles pararam.

— Vamox dar um oi para a mamãe! Vou *dijer* que *voxê* é um *polixial* como ela — a criança disse.

Alexander parou imediatamente.

— Não acho que seja uma boa ideia a mamãe conhecer um estranho — ele repreendeu.

E também, porque a mãe provavelmente presumiria que ele estava tentando sequestrar sua filha. A criança não podia descrevê-lo com precisão, mas, sem dúvidas, a mãe poderia. Se ela fosse uma policial, ela com certeza saberia quem diabos ele era.

A criança de olhos castanhos apenas piscou, o marrom neles escurecendo.

— Vamox! Vamox lá — ela disse teimosamente, puxando-o e forçando-o a se mover.

Ele olhou de volta para seus homens.

— Encontro vocês lá fora.

Eles apenas assentiram. Seu irmão Dimitri ainda permaneceu, olhando para ele com uma expressão imperturbável. Afastando-se lentamente, seu irmão inexpressivo conectou a máquina novamente, e Alexander fechou a porta. Ele tentou puxar a mão de volta, mas a criança apenas a segurou com as duas mãos. Esta era uma situação complicada. Como se desvencilhar de uma criança pegajosa?

Passando uma mão por sua imaculada barba negra, ele ponderou em pensamento. Ele não tinha experiência com crianças e sempre ficava longe delas. Elas eram muito exigentes, curiosas, e sempre que os filhos dos soldados vinham até ele em casamentos, ele sempre se afastava. Crianças menores de seis anos eram irritantes. As mais velhas eram mais disciplinadas. Ele odiava especialmente quando os pequenos o cutucavam.

— Onde estamos indo? — ele perguntou finalmente.

Seu olhar caiu para suas mãos entrelaçadas. Ele se elevava sobre ela por quase um metro, e ela ia apenas até suas coxas.

— Quarto da mamãe — ela respondeu.

Alexander franziu o cenho. *Ela é uma paciente aqui?*

Ele levantou o braço para correr os dedos pelo cabelo grosso e preto, mas então se lembrou que estava arrumado e preso atrás das orelhas. Abaixando a mão, notou os olhares sensuais das enfermeiras por quem passou. Ele sorriu.

Escondendo um sorriso, elas viraram seus rostos corados em direção ao chão, e ele seguiu em frente. A criança ainda estava dedicada à missão de encontrar sua *mamãe*. Se a mãe o reconhecesse, somando dois e dois, ele provavelmente acabaria matando-a.

— Chegamos — anunciou a criança quando chegaram à sala no meio do corredor e entraram. — Minha avó *tá* falando com o médico, max mamãe tá aqui.

Os olhos de Alexander esquadriharam a figura na cama.

Uma jovem estava deitada com os olhos fechados.

Inconsciente ou dormindo?

Ele não sabia dizer.

A criança largou sua mão, mas ele não se virou para sair. Ele *deveria* sair. Era uma péssima ideia ficar por muito tempo. Em breve, os médicos encontrariam o corpo de Yuri. Ele desejou que seus pés se movessem, mas eles permaneceram colados ao chão, mantendo-o completamente à sua mercê. Curiosamente, ele olhou para a mulher, preso como em um transe.

O rosto dela estava limpo e sem maquiagem. Seu cabelo castanho-claro e liso se derramava ao redor dela como uma auréola. Maçãs do rosto altas emolduravam seu rosto delicado. Agora, ele conseguia dizer de onde sua filha herdara a beleza. A mãe tinha o mesmo tom de pele da filha e os lábios carnudos. Depois de um momento, ele percebeu para quem estava olhando.

Era como olhar para um fantasma.

Ela era a esposa do ex-diretor do FBI.

Caralho. Ele precisava se mover agora antes que ela acordasse. Alexander deu um passo atrás, pronto para sair, mas a garotinha agarrou sua mão novamente.

Suspirando silenciosamente, ele conteve o desejo de fulminar a criança com o olhar. Em vez disso, apenas olhou para ela e tentou controlar o aborrecimento que se agitava nele.

— Mamãe, dá um oi para meu novo amigo — disse a criança, aparentemente alheia ao fato de sua mãe estar inconsciente. — O nome dele é... — ela parou e seus grandes olhos encontraram os dele, talvez percebendo que ela nunca perguntou o seu nome.

Ele não podia revelar seu nome verdadeiro, então deu seu apelido. Apenas aqueles próximos a ele o chamavam assim:

— Zander — ele murmurou. — Qual é o seu nome?

A garotinha sorriu:

— Noura — ela respondeu e se virou para sua mãe adormecida. — Mamãe, este é o *Jander!* — Noura declarou antes de olhar para ele novamente: — *Jander*, esta é a mamãe.

Ele escondeu um sorriso com a pronúncia errada do nome. Noura também não conseguia pronunciar o “Z”. Ele olhou para a bela mulher adormecida novamente antes de olhar para Noura.

— O que aconteceu com ela? — ele perguntou.

A garotinha franziu o cenho.

— Minha avó *dixe* que foi um *axidente*. Mamãe tá dormindo há um tempo.

Alexander arqueou uma sobrancelha.

— Dormindo? — Ela apenas assentiu. — Por quanto tempo?

A garotinha acenou três dedos no ar.

— Três dias? — ele perguntou.

Noura balançou a cabeça.

— Três meses?

— Não. — Os olhos de Noura não tinham brilho agora.

Três anos. Coma. Ela está em coma, ele percebeu depois de um momento.

— O que aconteceu com ela?

— Vovó *dixe* que foi um *axidente* de carro.

Ela devia ter um ano quando sua mãe entrou em coma. Ele olhou friamente para a mulher inconsciente. Alexander se virou para sair, mas seu olhar caiu sobre um livro de histórias deitado na cadeira próxima.

Uma princesa dormindo.

— Que história é essa? — ele perguntou a Noura.

Ela soltou a mão dele, suas perninhas marcharam em direção à cadeira e ela pegou o livro. Noura mostrou a capa, ainda sorrindo, e isso fez com que ele concluísse que ela era uma criança feliz.

— Parece com sua mãe — ele comentou.

A criança riu.

— Minha mãe também é uma *prinxeja*.

Ele não queria desapontar a menina, então escolheu ficar quieto.

— Sabe, *nexe* conto de fadax, tem um *prínxipe* que *beija* a *prinxeja adormexida* e ela acorda — Noura falou novamente, e seus olhos arregalados caíram sobre sua mãe. — Talvez *voxê* também *devexe beijar* ela.

Beijar? Ela quer dizer beijar?

Ele a ouviu direito?

— Ela pode acordar! — exclamou Noura.

— Já fiquei muito tempo aqui. Eu deveria ir embora.

Suas pernas se viraram e ele começou a caminhar em direção à porta. As perninhas de Noura imediatamente correram na frente dele, bloqueando sua saída. Ela esticou os braços e as pernas, em uma postura que significava que estava falando sério. Ele olhou, divertido e cheio de curiosidade sobre essa menina. A verdade é que estava começando a gostar do pequeno anão irritante.

— *Beija* ela — ela exigiu. — Ela pode acordar.

— E se ela me transformar em um sapo?

Noura apenas piscou, confusa.

OK, deixa para lá. A criança obviamente não conhecia aquele conto de fadas.

— P-Por favor, *Jander!* — Noura juntou as mãos à sua frente.

Ele tinha que admitir: a garota era adorável.

Ele passou a mão pelo rosto e olhou para a viúva adormecida. Ela era deslumbrante, e ele não se importaria nem um pouco em beijá-la. Mas ela era a porra da esposa de um policial, e ele não se aproximaria dela. Alexander voltou seu olhar para Noura e balançou a cabeça.

— Por que você não pede ao seu pai? — ele deixou escapar.

Ele esqueceu por um segundo que o diretor anterior do FBI estava morto. O pai de Noura estava morto. Segurando a respiração, ele esperou a reação de Noura. E ele conseguiu uma. Seus enormes olhos se encheram de lágrimas, ameaçando escorrer pelo rosto.

Ai, Jesus. Caralho.

— Tudo bem — ele estremeceu. — Eu vou fazer isso. Não chore.

As palavras saíram em um tom de comando, mais do que ele gostaria.

Os olhos de Noura brilharam instantaneamente, e ela enxugou as lágrimas, que logo foram substituídas por um sorriso radiante. Na verdade, as lágrimas desapareceram como se nunca tivessem estado lá, e Alexander encarou-a por alguns segundos, imaginando onde as crianças aprendiam esse tipo de comportamento desonesto e manipulador. Era como se elas soubessem que chorar chamaria a atenção de qualquer um. Merda de crianças dramáticas. Lançando-lhe um olhar de malícia, ele pressionou a ponte de seu nariz, mas a criança apenas deu uma risadinha. Sua cara de vilão não funcionou com ela. Quem a criou fez um trabalho terrível em não ensiná-la a não falar com estranhos.

— Prometa-me que não vai contar a ninguém que me viu — ele ordenou.

Os olhos de Noura se arregalaram.

— Ah... Por quê?

— Faça um acordo comigo — Alexander respondeu, evitando sua pergunta. — E você não pode contar a ninguém que tem um amigo chamado Zander.

A criança riu.

— *Você* é meu amigo?

Ah... porra...

Ele tinha acabado de dar esperança a uma criança órfã. Uma pontada de culpa encheu seu coração. Era irônico que ele não se sentisse culpado pela morte de Yuri, mas essa criança, com sua voz fofa e sua natureza alegre, estava fazendo com que ele sentisse coisas que normalmente não sentia.

Crianças. Olhos grandes e rostos pequenos. Elas eram pequenos demônios. Mágicas como pequenos feiticeiros. Podiam derreter os idiotas mais endurecidos e de coração de pedra com seus sorrisos e inocência, e ele não tinha interesse em se transformar em uma poça de sentimentos logo hoje. Se o fizesse, poderia culpar a oxitocina liberada em seu corpo. Agora ele conseguia entender por que as pessoas que viam uma criança fofa diziam que queriam mordê-la.

— Promete, Noura — ele exigiu, contundente, deixando de lado o jeito calmo que normalmente carregava.

Ele apoiou as mãos nas coxas e se elevou sobre a garotinha. Normalmente, essa postura deixaria os outros com medo, mas Noura apenas riu. Ele se perguntou de que planeta ela era e tentou de forma mais firme, mas, novamente, ela apenas sorriu.

— *Você* deveria *xer* um ator — disse Noura animadamente.

Apertando a ponte do nariz novamente, ele se virou e caminhou em direção à viúva adormecida. Ele já queria acabar com isso. Alexander sabia que estava preso em uma situação complicada, e isso era algo raro.

Como lutar contra uma criança sem recorrer à violência?

Ele fez uma pausa, ficando a apenas alguns centímetros de distância da mulher.

De perto, ela era ainda mais atraente. Nenhuma maquiagem em seu belo rosto, e seu cabelo parecia saudável e brilhante. Ela era radiante. As enfermeiras deviam estar cuidando bem dela.

Alexander se abaixou, e seu antebraço descansou no travesseiro macio acima da cabeça da mulher adormecida, e ele aproximou-se dela. Sentiu o cheiro de seu perfume natural e delicado. Uma fragrância floral na qual não queria pensar. Seus olhos o atraíram novamente. Longos e grossos cílios pretos emolduravam seus olhos fechados. Sem pensar, ele estendeu um dedo para traçá-los.

Ele conseguia ver cada sarda, cada poro. Seus olhos se encheram com a beleza do rosto da mulher e deslizaram para seu pescoço longo e nu. A pulsação contra sua garganta se moveu, e ele ergueu os olhos.

Alexander olhou por trás do ombro, encarando Noura, uma criança animada e que já havia dado sua bênção. Ele iria para casa e pularia de cabeça em sua piscina, para esquecer toda essa bagunça, pois a última coisa que queria era beijar uma mulher meio morta depois de matar alguém.

Alexander se inclinou, preenchendo o espaço entre eles, e pressionou seus lábios contra os dela.

Apenas um beijinho. Um beijo, quase casto.

Nada mais, nada menos.

Ela tinha lábios quentes e macios. Alexander deixou que seus lábios permanecessem nos dela por alguns segundos, até que um movimento súbito surgiu sob ele. Os olhos dela se abriram, e seus lábios cheios se moveram contra os dele. Alexander se afastou e olhou para as pálpebras trêmulas da mulher.

Ainda em estado grogue, a viúva adormecida despertou.

GHISLAINE

2

MINHA VISÃO ESTAVA turva, e minhas pálpebras, apesar de ainda estarem pesadas, se abriram lentamente.

Respirei fundo quando a dormência do sono desapareceu dos meus membros, mas nenhum ar saiu, e eu engasguei por causa da minha língua seca. Uma luz branca ofuscante me atingiu, vinda de todos os ângulos, invadindo minha visão com uma luminosidade não natural. Eu não precisava de um espelho para saber que meus olhos, com suas pálpebras pesadas, estavam afundados.

Pisco rapidamente, e sinto a visão retornando.

Um par de olhos escuros e um sorriso sinistro e malicioso me encaravam.

Eu empurrei minha cabeça para trás em meu travesseiro.

Quem é você?

Ele não era familiar, e minha mente nebulosa não o reconheceu. Exalei, e meu hálito quente pousou em seus lábios. Seu olhar escureceu e fixou-se novamente em meus lábios entreabertos antes de encontrar meus olhos. O cabelo do estranho tinha mechas negras que pareciam ser muito sedosas e macias. Elas estavam presas e estilizadas atrás de suas orelhas. Um contraste escuro contra sua pele pálida e seus olhos, que eram muito escuros.

Eu nunca tinha visto olhos pretos como os dele. Pareciam duas piscinas cheias de abismo e vazio. Eu podia ver meu reflexo neles, olhando de volta para mim. Uma barba preta aparada cobria suas maçãs do rosto proeminentes. Nem mesmo o blazer preto justo conseguia esconder os músculos que se retesavam por baixo da roupa, que se agarrava à sua pele como uma armadura.

Ele estava envolto na escuridão. Sem cor.

Os olhos. O cabelo. Seu senso de estilo.

Seu braço descansava acima da minha cabeça, e ele ainda estava sorrindo. Era um sorriso perigoso e hostil, como se não estivesse fazendo nada de bom, e arrepios percorreram minha espinha.

O misterioso estranho exalava confiança e havia uma aura sobre ele. Poder. Ele exalava a poder e riqueza. Eu queria gritar com ele, mas estava muito atordoada.

Ele ainda não tinha se afastado de mim. Estava tão perto, que meu olhar se fixou em seus lábios. Eu estreitei os olhos e, como em um flash, a lembrança deles roçando contra os meus cruzou a minha mente.

Ele me beijou.

Talvez eu tivesse imaginado isso, mas não conseguia esquecer a sensação. Foi um beijo casto. Um pequeno beijo. Não poderia ter sido mais do que alguns segundos... Bem, eu não tinha certeza porque não sabia há quanto tempo estava dormindo. Achei que estava sonhando e que talvez ainda estivesse presa nesse sonho. Isso não poderia ser real. Certo?

Sem chance. Quem acordava com um beijo?

Era uma loucura. Impossível.

Eu estava perdendo a cabeça.

Fechei os olhos, desejando acordar, e me forcei a continuar respirando, a ficar calma. Eu não sabia onde estava ou quem era esse homem. Passos se afastaram de mim até desaparecerem. Apenas o fluxo do meu sangue passou pelos meus ouvidos, e minha respiração se intensificou. Quando abri os olhos novamente, depois de algumas batidas, o homem tinha ido embora.

Pisquei, assustada novamente. Onde ele havia ido?

Olhei ao redor, analisando o ambiente desconhecido. As paredes brancas brilhantes eram hostis. Esfreguei os olhos com as costas das mãos e estremeci quando percebi que tinha usado de muita força. Meu olhar foi para os intravenosos em meus braços.

Hospital. Eu estava em um hospital.

Meu corpo dolorido se mexeu — membros que doíam como se não se mexessem há anos. Um gemido arranhou minha garganta seca, e eu

esfreguei minha testa latejante. A luz artificial acima da minha cabeça não estava ajudando em nada. Um tecido áspero se esfregou contra a minha pele, e olhei para a roupa branca e azul que eu usava. Franzindo a testa, cerrei os punhos para dentro e para fora, tentando retomar a sensação de usá-los.

Passos rangeram nas proximidades, e eu fiz uma pausa.

Era aquele homem de novo? Ele havia retornado?

Meus olhos ainda embaçados se ergueram, esperando por ele novamente, mas meu olhar se desviou para uma criança pequena pairando nas proximidades. Seus grandes olhos castanhos assustados olharam para os meus olhos castanhos, tão semelhantes. Seus lábios carnudos se assemelhavam aos meus. Agora, quem era essa criança? Fui recebida por rostos de pessoas que não reconheci. Ela se parecia comigo, mas eu não conseguia identificá-la.

— Mamãe! — a criança gritou.

Meu coração martelou no meu peito, e minhas costas se pressionaram contra o travesseiro macio novamente.

Não, é impossível.

Um momento depois, minha visão ficou escura.

Acho que desmaiei.

Os gritos da criança ainda ecoavam em meus ouvidos.

Mamãe! Mamãe! Mamãe...

Ainda perdida em pensamentos, caí em um sono sem sonhos.

Acordei mais tarde com uma imagem de olhos escuros ainda gravados em minha mente. Aquele homem ainda me assombrava quando eu dormia. Eu não tinha ideia de quanto tempo havia passado. Ergui os olhos cansados e quatro pessoas me cumprimentaram.

Um médico estava lá no lugar do outro.

O crachá dizia: Dr. Garcia.

O Dr. Garcia era um homem de meia-idade, moreno, bronzeado, alto e com ombros largos. Um jaleco branco emoldurava seus ombros. Ele usava um uniforme azul e trazia um estetoscópio pendurado em seu pescoço. Depois de um momento me estudando, ele deu um sorriso gentil. Era diferente do sorriso do estranho anterior e não me colocou em alerta máximo. Seu sorriso era calmo, reconfortante, e aquietou meu coração louco. O mesmo coração que estava retumbando no meu corpo como um ioiô.

Eu não conseguia ver os rostos atrás do médico, mas podia ver o contorno de uma mulher. Três mulheres, na verdade. Três.

Por que isso soava tão familiar?

Abri a boca para falar novamente.

Finalmente, encontrei as palavras:

— Por que estou aqui?

Minha voz saiu muito presa. Minha língua estava grossa e eu a sentia pesada na boca. Isso me deixou ansiosa, as palavras soavam estranhas na minha língua como se eu não falasse há dias. Ainda atordoada e entorpecida do meu sono, olhei para os intravenosos na minha pele, lembrando que ainda estava no hospital. Minha mente estava lenta e nebulosa.

— Sou o Dr. Garcia. Seu médico. Você está no Hospital Geral de Nova York e está segura. — Ele deu outro de seus sorrisos gentis. — Você pode dizer seu nome para mim?

Ele havia ignorado completamente minha pergunta. Por que estava me perguntando isso? Olhei para ele sem expressão.

— Preciso saber o quanto você se lembra — disse ele.

Oh. Pisquei algumas vezes, tentando me lembrar de uma resposta:

— Ghislaine... — respondi depois de um momento. — Meu nome é Ghislaine Khalil.

O médico assentiu, satisfeito.

— Quantos anos você tem?

Ele estava me testando.

— Vinte e três — respondi.

Ele apenas acenou com a cabeça, mas, desta vez, ele perdeu o sorriso.

— Você sabe em que ano estamos?

Minha testa se enrugou.

— 2019.

— Qual é a última memória que você tem?

Fechei os olhos com força, tentando me lembrar, mas fiquei em branco.

— Minha mente está confusa — admiti, abrindo os olhos.

O médico ficou em silêncio, enquanto me estudava como se eu fosse um experimento científico. Alguns momentos se passaram e ele permaneceu mudo. Um lampejo de aborrecimento surgiu em mim quando percebi que o médico estava demorando. Olhei para o Dr. Garcia com ódio nos olhos, e logo ele não parecia mais tão gentil.

— O que está acontecendo? — exigi saber. — Você não pode esconder coisas de mim. Meu marido é o diretor do FBI e eu sou uma agente. O que diabos está acontecendo? — Minha voz ficou mais pesada e rouca.

O Dr. Garcia franziu a testa e abriu a boca para falar, mas a mulher atrás dele finalmente se fez visível. Lágrimas enchiam seus olhos arregalados e sombrios. Ela olhou para mim, e estava fungando. Eu a reconheci.

— *Aaama* — sussurrei, sem fôlego. Minha tia paterna.

Uma a uma, as duas mulheres atrás dela se tornaram visíveis. Minhas três tias, Sabrina, Inês e Sarah, estavam diante de mim.

As mulheres, minhas guardiãs que me criaram. Elas olhavam uma para a outra. Para mim. Olhos castanhos, altas e lindas. O sorriso que estava se formando em meus lábios congelou quando observei suas aparências. Rugas cercavam minha tia mais nova, Inês. Elas não estavam lá da última vez que a vi.

Minha tia do meio, Sarah, tinha cabelos duas vezes mais compridos, até a cintura. A última vez que a vi, estava com um corte na altura dos ombros.

Engoli em seco, mas a saliva havia secado na minha língua. Não havia mais nada em mim para engolir. Um arrepio percorreu minha espinha. Eu realmente esperava que tia Sarah estivesse usando aplique, mas, então, olhei para minha tia Inês. As rugas não podiam ser fingidas.

Elas vieram com a idade com o passar do tempo.

Quanto tempo se passou?

— Mamãe! — uma voz gritou novamente.

Eu empurrei meu corpo para cima, e minha cabeça olhou bruscamente para a direita, para a criança de olhos castanhos. Seu sorriso brilhante me cumprimentou novamente. Não a tinha notado até agora. Ela devia ter ficado quieta o tempo todo. A tontura me atingiu com o movimento repentino. Gemi e toquei minha testa.

Mãos macias tocaram meu rosto e murmuraram:

— Descanse, meu bem.

Não precisei olhar para saber que era minha tia Sabrina.

Apenas balancei a cabeça e deitei de volta no meu travesseiro.

— Mamãe, *voxe* acordou! — a criança gritou novamente.

Fechei os olhos com força, querendo calar a voz dela.

Ela tinha problema na fala.

Um flash de memória deslizou em minha mente.

Mamãe.

Uma pequena voz falou comigo.

Você é minha prinxeja adormexida, mamãe. Uma prinxeja da vida real.

Eu me lembrei da voz dela agora. Achei que só existia em meus sonhos... Mas era real. Ela era *real*. Eu não sabia quanto tempo ela tinha falado comigo durante tudo isso, e há quanto tempo eu estava dormindo, mas eu sabia que ela estava lá.

— Quem é essa criança? — perguntei, fechando meus olhos.

Ninguém respondeu, e meu coração se partiu.

— Por que ela está me chamando de mamãe?

Novamente, nenhuma resposta.

Eu tinha uma filha.

Eu me lembrei... Mas minha filhinha tinha apenas um ano de idade.

Minha pequena Noura.

Ela ainda não conseguia andar com as pernas bambas e gordinhas. Ainda estava engatinhando. Os médicos disseram que ela poderia ter um desenvolvimento tardio, já que ela era minha primeira filha. Agora, esta garotinha estava pulando para cima e para baixo, como se estivesse pronta para correr uma maratona. Ela já estava falando. Minha filhinha só falava arrulhos.

Eu queria negar a verdade, mas não podia fugir dela para sempre. Passei a mão pelo meu rosto e agarrei meus cabelos castanhos, querendo arrancá-los. Uma lágrima escorreu dos meus olhos fechados e rolou pelo meu rosto.

— Em que ano estamos? — perguntei, finalmente, fungando. Abri meus olhos, derrotada, e olhei para cima com olhos vermelhos.

— 2022 — respondeu o Dr. Garcia.

Meu coração se despedaçou e a dormência me encheu.

— Você tem vinte e seis.

Três anos se passaram.

Três longos anos.

E eu não tinha nenhuma lembrança real deles.

Apenas as lembranças de Noura falando comigo o tempo todo.

— Você estava em coma profundo — Dr. Garcia continuou. — Eu não esperava que você acordasse tão cedo, honestamente — ele admitiu em voz baixa. — Com pacientes em coma, nunca podemos dizer. Um dia, há um movimento da mão, e, no dia seguinte, desaparece.

Eu estava em um sono tão profundo, que não podia ser quebrado.

Até que... um par de lábios roçou os meus.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um Beijo Cheio de Veneno"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).